

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS: O LUGAR DE VIVÊNCIAS E ESCRIVIVÊNCIAS DE UMA MULHER NEGRA NO ENSINO SUPERIOR NA UNILAB (CE)¹

FRANCISCA TALIA ALVES MORAIS²

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as vivências e experiências na trajetória de uma mulher negra no ensino superior na Unilab. A partir do conceito de *escrevivência* elaborado por Conceição Evaristo (2011) como uma escrita que emerge das vivências de sujeitos historicamente silenciados, especialmente mulheres negras, a escrevivência transforma experiências individuais em narrativas coletivas, carregadas de memória, ancestralidade e denúncia ao racismo. Articula-se também ao conceito de *interseccionalidade*, de Kimberlé Crenshaw (2012), ao evidenciar como múltiplas opressões - raciais, de gênero e classe - atuam de forma simultânea na produção das desigualdades. A partir dessa perspectiva, o artigo incorpora ainda as contribuições de bell hooks (2013), que em *Ensinando a transgredir* relata suas experiências individuais como uma maneira de propor reflexões em relação à condição das mulheres no ensino superior. Assim, a escrita de Evaristo, a análise de Crenshaw e a pedagogia de hooks se complementam na construção de um olhar sensível e transformador sobre a presença e a resistência de mulheres negras no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Escrevivências. Interseccionalidade. Racismo. Ensino Superior.

Introdução

O presente trabalho é realizado à luz do conceito de “escrevivências” pensado por Conceição Evaristo como a escrita que brota das experiências vividas por sujeitos historicamente silenciados. É a escrita que nasce das experiências de vida, especialmente das vivências de mulheres negras, marcadas por dores, resistências, afetos e ancestralidades. Embora tenha um caráter autobiográfico, o ato de escrevivência transforma as experiências individuais em coletivas, como uma forma de resistência política e cultural que carrega em si, ancestralidade, oralidade e

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Sociologia, sob orientação da professora Doutora Jaqueline da Silva Costa.

² Bacharel em Humanidades e Licencianda em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

memória, e através desses elementos, busca atuar como denúncia ao racismo e afirmação da identidade negra.

O termo que remete a junção das palavras “escrita” e “vivências”, nasce das experiências de vida que converte as vivências em uma espécie de literatura com potência crítica e transformadora. Alinhando-se ao conceito de interseccionalidade, pensado enquanto uma importante ferramenta analítica para compreender como diferentes sistemas de opressão — racismo, sexismo e classismo, dentre outros — se entrelaçam e operam simultaneamente na produção de desigualdades sociais, na perspectiva de Kimberlé Crenshaw (2012).

Pois é a partir da observação das experiências vividas por mulheres negras, que Crenshaw evidenciou que a discriminação não pode ser analisada de forma isolada, uma vez que indivíduos situados em múltiplas categorias sociais enfrentam formas específicas e complexas de marginalização. Enquanto Conceição Evaristo evidencia e traz à tona a perspectiva de escrevivência como caminho possível para dar voz às experiências de mulheres negras, denunciando as múltiplas formas de opressão que estas vivenciam, reforça assim a compreensão de Crenshaw sobre interseccionalidade.

Na obra *Ensinando a transgredir*, bell hooks (2013) descreve os desafios enfrentados por mulheres negras no ensino superior ao relatar sua trajetória enquanto uma intelectual afro-americana. Embora hooks descreva o ambiente acadêmico como um lugar de muitos desafios para intelectuais negras, na obra em questão, inspirada em Paulo Freire, a autora propõe também uma educação comprometida com a liberdade, que busque romper com as estruturas opressoras, valorizando a experiência individual de diversos sujeitos como fonte legítima de conhecimento.

As perspectivas destas autoras são especialmente potentes quando aplicadas às múltiplas trajetórias de mulheres negras nas universidades, como intelectuais e produtoras de conhecimentos. A escrevivência de Conceição Evaristo nos permite conhecer as experiências destas mulheres através de seus próprios relatos, o conceito de interseccionalidade de Crenshaw se faz muito relevante para a compreensão das múltiplas formas de opressão que estas mulheres são submetidas, assim como a escrita profunda de hooks sobre sua própria trajetória e sua maneira

de defender uma pedagogia engajada, crítica e afetiva, ilumina os desafios enfrentados por essas mulheres, ao mesmo tempo em que inspira práticas educacionais que acolham suas vozes e subjetividades, promovendo um espaço verdadeiramente democrático e transformador, tal qual a educação deve ser.

2. Trajetória até a universidade

Quando Conceição Evaristo conceitua o termo *escrevivência* como o ato de escrita das mulheres negras, me pego imaginando como que a escrita tem salvado e salva minha vida diariamente. Desde que fui alfabetizada, por volta dos cinco, seis anos de idade, me tornei alguém que muito fez uso desta linguagem para me expressar, compreender o mundo que me cerca e o ser que fui me tornando. Advenho de uma família cuja leitura e a escrita nunca foram muito presentes, meus avós maternos e paternos não foram alfabetizados, meus pais tiveram pouco acesso ao ensino formal e ambos não tiveram sequer a oportunidade de completar o ensino fundamental, porém sempre incentivaram os filhos nos estudos.

Neste sentido, costumo pontuar que a escrita sempre foi um suspiro, uma forma de me afirmar no mundo, de me sentir viva, e de alguma maneira, livre. Sou uma mulher negra advinda do interior do Ceará, da cidade de Itatira. Atualmente resido em Fortaleza (CE), onde atuo como professora temporária do estado em duas escolas de ensino médio, nas quais leciono sociologia e disciplinas eletivas de ciências humanas. Também sou graduada no curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, e licencianda em sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab (Ce), sendo a primeira mulher formada em uma universidade pública e federal na minha linhagem familiar.

O fato de ser a primeira em minha família a acessar o ensino superior não é algo que me orgulhe ou que me deixe confortável, só me torna parte de um lamentável dado sobre o não acesso de pessoas negras ao ensino básico e superior no Brasil, ao longo da história. Pois de acordo com José Luiz de Paiva Bello (2001), no artigo *Educação no Brasil: a História das rupturas*, desde a primeira constituição do Brasil, de 1824, que se assegura o direito à educação primária gratuita a todos brasileiros livres, todavia ressalta-se que a condição de escravização de negros no

Brasil se perdurou por quase 400 anos, o que tirou destes sujeitos o estado de humanidade e negou o acesso a direitos básicos, como a educação, já que não eram tidos como cidadãos.

Costumo pensar que minha trajetória enquanto uma pessoa negra não teve ao certo um marco temporal de início, só me recordo que em um determinado momento em minha infância, comecei a me perceber, ou me disseram ser “diferente”. Essa memória me remete a faixa etária dos 5 ou 6 anos de idade, período que este que não ironicamente comecei estudar em uma escola na área urbana de minha cidade, pois até então residia em uma comunidade rural onde convivia com meus parentes maternos, onde nasci e vivi até essa idade. Naquela pequena comunidade denominada Laranjeiras, localizada a 5km de Lagoa do Mato - Itatira (CE), foi o local no qual tive minhas primeiras interações sociais, no seio da minha família, comecei a frequentar a escola da comunidade, e lá todos se pareciam comigo, fenotipicamente falando, era em grande maioria pessoas negras retintas e alguns de pele mais clara.

Desconfio que minha origem venha de um quilombo não registrado, pois a origem e trajetória de meus antepassados ainda é uma incógnita para mim e boa parte de meus familiares mais jovens. Minha avó materna é filha de uma mulher branca e um homem preto retinto os quais não cheguei a conhecer. Meu avô materno, ficou órfão de pai quando ainda era criança, por tanto não tem lembranças dele, cresceu apenas na presença de minha bisavó e dos dois irmãos, a mesma faleceu quando eu ainda estava no ventre de minha mãe. Minha família sempre falou com muito carinho dela, era uma mulher negra, mas com cabelos lisos e fortes traços indígenas, sempre falaram que meu gênio parecia com o dela e mesmo não tendo a conhecido pessoalmente, me sentia lisonjeada quando minha vó, minha mãe ou minhas tias falavam isso.

O máximo que sei de minha bisavó - mãe de meu avô materno - Luíza, é que ela foi uma mulher forte que ficou viúva por volta dos 30 anos, escolheu não se casar novamente e no interior do sertão cearense criou sozinha três filhos que se tornaram homens honestos e respeitados por onde passavam. Tinha pulso firme, mas sem perder a ternura, desta forma criou seus filhos e muito contribuiu com a criação dos netos, foi uma mulher admirável, uma matriarca amorosa - todos os

netos a chamavam carinhosamente de “mãe Luíza” -, lembrada, amada e respeitada por aqueles que tiveram o prazer de lhe conhecer.

Trago estes relatos aqui que considero que seja importante destacar minha origem antes de falar sobre quem me tornei hoje, minha trajetória começa em minha ancestralidade (buscar referências sobre ancestralidade). Mesmo que o processo colonial tenha tentado apagar as origens das pessoas não brancas deste país, somos frutos da resistência daqueles que aqui estiveram antes de nós, que nas condições mais emblemáticas e dolorosas possíveis conseguiram caminhar para que hoje conseguíssemos correr.

Ainda na minha infância, quando fui morar na zona urbana da minha cidade, em Lagoa do Mato, senti que passei por um processo muito difícil e doloroso. Recordo-me de ser uma criança extrovertida e muito comunicativa enquanto vivia na comunidade rural, no seio da família materna, lá me sentia protegida, segura e livre para ser quem eu era de verdade, no entanto isso se alterou com o processo de mudança. Ao começar principalmente pelas relações que estabeleci na escola, já que no bairro onde morávamos não tinha tantas crianças de minha idade na vizinhança.

No ambiente escolar, a maioria dos meus colegas não eram fenotipicamente muito parecidos comigo, embora não tivesse muitas crianças de fato brancas, grande parte deles tinham a pele mais clara que a minha, e num país como Brasil, onde o racismo atua de forma mais corriqueira naqueles com mais características negroide, pude ali então que descobri, o que é o racismo. A priori, não compreendia por que as outras crianças eram cruéis comigo, se recusavam ficar próximas a mim ou me incluir em suas brincadeiras, então se iniciaram os episódios de humilhação, insultos ou chacotas por conta de minha aparência. Todos aqueles episódios foram me tornando uma criança bem mais reprimida, pois acreditava que se não fosse notada, aquelas coisas não aconteceriam mais, creio que isso de certa forma atrapalhou meu desenvolvimento assim como meu processo de aprendizagem, pois muitas das vezes meus professores não notavam minha compreensão acerca dos conteúdos repassados porque eu sempre ficava muito retraída

Ter sido vítima de violência racial em uma tenra idade e ao longo da vida no geral no ambiente escolar, fez eu me distanciar de uma identidade racial negra

durante a infância e início da adolescência, passando por um processo de “negação de si”, como Neusa Santos Sousa (1983) pontua em sua obra *Tornar-se negro: as vicissitudes do negro em ascensão social*. Pois de acordo com Sousa (1983), o negro quando vive em uma sociedade cujo o modelo de sujeito ideal é o branco, cria-se em uma série de dificuldades na percepção e construção da identidade racial deste sujeito.

Mas mesmo o ambiente escolar tendo me proporcionado uma série de violências, sempre vi na educação a possibilidade de melhorar a realidade que me cercava, tive boas professoras no ensino básico, que mesmo diante da minha timidez imposta, viram potencial em mim e acreditaram em mim, isso com certeza fez toda a diferença. O espaço da biblioteca sempre foi meu lugar favorito na escola, a leitura e a escrita eram um refúgio, um lugar feliz e melhor que a realidade que cercava. A primeira professora negra que tive contato foi a professora Fátima, quando estava no segundo ano do ensino fundamental, ela sempre foi atenciosa comigo e sua contribuição em meu processo de formação me deu a esperança de, quem sabe um dia, cursar o ensino superior.

Costumo pensar que a educação salvou e salva minha vida todos os dias, o ambiente da sala de aula com todas as suas nuances, seus aspectos positivos e negativos, me proporcionou ao longo de minha vida experiências únicas, e mesmo este hoje já sendo meu ambiente de trabalho ainda é o espaço que me sinto realizada, que me deparo com realidades diversas, que desperta em mim mais humanidade e a sensação de acreditar que posso fazer por alguém aquilo que outras professoras e professores já fizeram por mim. Já dizia bell hooks que “A sala de aula continua sendo o lugar mais radical de possibilidade no contexto da academia” (hooks, 2013, p. 273), sendo este o espaço físico onde o processo de ensino e aprendizado se concretiza.

2.2 A chegada e permanência na universidade: Desafios e incertezas...

Minha trajetória até a chegada ao ensino superior foi de muita dedicação, mas também de incertezas, desafios e inseguranças. Reconheço meu esforço individual até minha chegada e permanência na Universidade, mas compreendo também que

foi graças a série de oportunidades que tive que isso pôde se concretizar. Foi devido ao Sisu³ e a política de cotas raciais que pude adentrar ao ensino superior em uma instituição pública e federal, advinda do interior do Ceará e sendo a primeira pessoa de minha família a alcançar tal feito.

Por tanto, quando ingressei no ensino superior na Unilab, tudo era muito novo e diferente, a vida acadêmica parecia diferente de tudo que eu havia experienciado até então e neste momento os vínculos que estabeleci e as amizades que fiz ali, foram de fundamental importância para que eu pudesse de fato me adaptar com o novo estilo de vida que estava vivenciando. Foi através do convite de um amigo e irmão de coração lá da minha cidade que decidi tentar a unilab, Mailton entrou um semestre antes de mim na Unilab e quando consegui ingressar ele foi quem me recebeu em Redenção, neste sentido seu apoio e incentivo foram fundamentais para que eu conseguisse realizar este sonho.

Meu ingresso ao ensino superior na Unilab, para cursar o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, foi fundamental para buscar compreender mais acerca de minha identidade enquanto mulher negra. Com as experiências que tive, pude vivenciar de forma mais consciente o processo de resignificação identitária, assim como a autora Neusa Santos Sousa (1983) denomina de "tornar-se negro" tal processo. Pois para a autora, "ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser." (SOUSA, p. 77), ou seja, compreende que a identidade racial é construída através de processos, levando em consideração os aspectos culturais e sociais nos quais o indivíduo vive e se relaciona.

A proposta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), criada pela Lei nº 12.289/2010, enquanto uma instituição pública federal de ensino superior voltada à promoção da integração educacional e cultural entre o Brasil e os países da CPLP⁴, especialmente os africanos, foi fundamental para a vivência de meu processo identitário enquanto mulher negra. Uma vez que seu Projeto Político Pedagógico (PPP) baseia-se em uma proposta

³ O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Disponível em: <https://manutencao.mec.gov.br/sisu/aguarde/tiresuasduvidas.html#:~:text=1.1%20%2DO%20que%20%C3%A9%20o,de%20Ensino%20M%C3%A9dio%20> (Enem).

⁴ Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

inovadora de internacionalização solidária, educação inclusiva e afirmação da diversidade, com ênfase na formação de sujeitos críticos e comprometidos com a transformação social, a Unilab busca romper com paradigmas eurocêntricos e promover o diálogo intercultural e a valorização dos saberes locais e africanos, contribuindo para o desenvolvimento regional e para a cooperação Sul-Sul (SILVA, 2016; UNILAB, 2014).

O currículo interdisciplinar da Universidade, permite através de regimes acadêmicos diferenciados proporcionar uma educação emancipatória, pautada na equidade e na justiça social. Assim como o curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - BIH, que é estruturado como um curso de primeiro ciclo, o BIH oferece através de dois ciclos - um generalista e outro específico - formação nas áreas de Antropologia, História, Pedagogia e Sociologia, no Ceará; e em História, Ciências Sociais, Pedagogia e Relações Internacionais, na Bahia. Pois após a conclusão do BIH, o estudante pode optar por uma formação profissionalizante no segundo ciclo, ou não, conforme previsto na Portaria nº 383/2010 do MEC.

O currículo é orientado por princípios de interdisciplinaridade, diversidade cultural e compromisso social, visa desenvolver competências como pensamento crítico, sensibilidade às desigualdades sociais e capacidade de atuação em contextos multiculturais, proporciona uma formação diferente das universidades tradicionais. Por tanto, ter percorrido o trajeto do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Unilab foi fundamental para minha chegada até a Licenciatura em Sociologia. Quando iniciei o BIH pensei em cursar a Licenciatura em História durante o segundo ciclo de formação, porém o contato com as disciplinas da Licenciatura em Sociologia que o Bacharelado Interdisciplinar nos proporciona foi decisivo em meu processo de optar por cursar Licenciatura em Sociologia, ao passo em que fui me identificando com o curso, percebi que era com tal área de conhecimento que eu gostaria de trabalhar.

O contato que tive com os professores de Sociologia também foi algo que me marcou bastante, através da professora Dra. Janaina Lobo, ao cursar uma disciplina sobre gênero, que conheci bell hooks e posteriormente através das disciplinas que cursei ainda no BIH com a professora Dra. Jaqueline Costa que pude me aprofundar mais nesta autora. hooks é uma intelectual negra de grande relevância para meu processo formativo pessoal e profissional, assim como acredito que seja

também para tantas outras mulheres negras. Foi através da profundidade e sensibilidade de seus escritos que pude muitas vezes me perceber em minha trajetória enquanto uma mulher preta e educadora. A intelectualidade para mulheres negra, de acordo com bell hooks (2013) na obra *Ensinando a transgredir*, não é colocada como um caminho a se seguir, pois o ambiente acadêmico, em sua análise, trata-se de um local em geral ocupado por pessoas brancas, sendo essas em sua maioria homens.

Ao relatar sua experiência intelectual, desde sua infância nas escolas segregadas dos EUA até seu ingresso no ensino superior, bell hooks (2013) descreve o quanto o caminho da intelectualidade pode ser desafiador para pessoas negras, especificamente mulheres negras. Ao compartilhar suas vivências como estudante e intelectual negra nestes ambientes, a autora mostra como o racismo e o silenciamento lhe afetaram, e neste sentido, enquanto mulher negra sempre me vi nas vivências de bell hooks, pois ao escolher o caminho da educação para minha vida pude experienciar o quanto o trilhar até aqui não tem fácil.

A vivência de um sujeito negro no ensino superior em um país estruturalmente racista como o Brasil, não é o mesmo que a vivência de uma pessoa branca, diante disso, recorro de uma conversa com minha professora orientadora Dra. Jaqueline Costa, quando ela afirmou que “a nós sujeitos negros, não é dado a chance de errar” e do quanto isso se concretiza ao passo em que é doloroso e adoecedor para pessoas negras, especificamente quando estas ocupam espaços de poder. Estamos sempre divididos entre os dois caminhos, o primeiro; de não alcançar determinados espaços de poder na sociedade, pois a nós na maioria das vezes não é dada as devidas oportunidades, ou o segundo; de alcançar determinadas estruturas de poder e adoecer diante da autocobrança excessiva para não falhar, desta forma o racismo continua atuando fortemente em sua gênese, a de retirar a humanidade de pessoas não brancas.

hooks (2013), inspirada por Paulo Freire, entende que a educação também pode ser um espaço onde se pode romper com estruturas opressoras, criando novos caminhos e perspectivas a partir de uma prática libertadora. Na obra, em questão, em que a autora usa o verbo transgredir como uma maneira de criticar e ultrapassar os limites impostos pelo racismo, sexismo, classismo e outras formas de opressão às mulheres negras, busca através da educação construir rotas de resistências

frente às múltiplas formas de opressão às quais mulheres negras são constantemente submetidas.

Por tanto, “ensinar a transgredir” para bell hooks (2013) é ensinar a questionar as normas, as hierarquias e as opressões, rompendo com uma lógica opressora e criando conhecimentos múltiplos e transversais através da educação, levando em consideração as subjetividades dos indivíduos presentes neste processo. Assim como Freire (1996), afirmou em seu livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p. 14)

Os escritos de hooks (2013) e de Freire (1996) se apresentam como um suspiro, uma forma de se agarrar a um fio de esperança de um mundo em que a realidade da educação seja de fato transformadora e acolhedora, principalmente para aqueles sujeitos socialmente marginalizados na atualidade. Mas enquanto este mundo não é possível, percebo que de diversas maneiras e escalas fui vivenciando processos de adoecimentos no âmbito educacional, precisamente meio no universitário. As sensações de incertezas, medos, autocobrança excessiva e ansiedade em relação ao futuro se tornaram constantes quando ingressei na universidade, me sentia a maior parte do tempo deslocada, pois nunca havia vivenciado algo semelhante àquela nova realidade. Tais sentimentos se agravaram contribuindo para um processo de adoecimento psicológico.

Em *Pele negra, máscaras brancas* Frantz Fanon (2008), busca compreender os fenômenos sociais de adoecimentos mentais e psicológicos sofridos pela população negra em contato com o mundo e os ideais brancos, precisamente no capítulo O preto e a psicopatologia. Em seus escritos, Fanon (2008) afirma que em regiões colonizadas - e cita especialmente o caso das Antilhas - o negro é influenciado por um modelo de existência que não é pensado para ele, mas criado pelo e para o sujeito branco, e este fator social é adoecedor para pessoas negras. A

constatação de Fanon foi algo que pude experienciar de forma concreta, não só a partir do âmbito universitário, embora o processo tenha se intensificado neste ambiente, pois seu desenvolvimento foi se ocorrendo de forma mais objetiva à medida em que vivenciava a vida acadêmica, assim como formava e melhor compreendia minha identidade enquanto uma mulher negra, em uma sociedade estruturalmente racista.

No livro *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, Grada Kilomba (2019) aborda sua experiência enquanto mulher negra no ensino superior, destacando os desafios enfrentados em ambientes acadêmicos predominantemente brancos. Assim como nos relatos de hooks (2013), consigo me enxergar muitas vezes nas experiências de Kilomba (2019). No trecho a seguir, ao relatar sua chegada na Alemanha para fazer o doutorado, a autora ilustra as tensões e dilemas vividos por mulheres negras no ambiente acadêmico, onde frequentemente enfrentam questionamentos sobre sua legitimidade e pertencimento:

Durante o processo de matrícula, considerei diversas vezes deixar a Alemanha ou desistir do meu projeto de tese, como alguns colegas e algumas colegas negras/os fizeram na época. Essa situação paradoxal descreve a dinâmica entre 'raça' e espaço relatado acima. Eu tenho de sair do país para fazer trabalhos acadêmicos? Ou eu poderia ficar no país, mas fora da academia? Eu conseguiria administrar minha permanência no país e dentro da academia? E quanto ser uma das poucas intelectuais negras dentro dessa maquinaria branca me custaria emocionalmente? Essas perguntas giravam constantemente na minha mente. (KILOMBA, 2019, p. 69)

A universidade, como tantos outros espaços pensados por e para pessoas brancas, é um lugar que adocece, especialmente aqueles sujeitos que historicamente não ocuparam este ambiente. Grada em seu percurso no doutorado em Psicologia Clínica e Psicanálise, enfrentou diversas barreiras institucionais e subjetivas por ser uma mulher negra africana da diáspora em um sistema que historicamente exclui e marginaliza corpos negros. O trecho anteriormente citado, reflete a tensão entre o desejo de produzir conhecimento e a violência simbólica que marca a presença de sujeitos racializados na academia. Grada Kilomba (2019) se vê diante de uma escolha difícil: continuar em um espaço que constantemente a rejeita ou abandonar seu projeto intelectual, infelizmente, uma experiência comum entre acadêmicas negras em espaços brancos e coloniais.

Embora a Unilab, se construa através de um projeto decolonial⁵, as estruturas de poder se perpetuam e marcam as relações sociais que lá se estabelecem. Os casos de racismo e discriminação racial são constantemente destacados em produções acadêmicas e científicas sobre o ambiente da Unilab e as cidades de Acarape e Redenção. Gomes (2021) em seu artigo intitulado *Do pioneirismo da abolição ao enfrentamento do racismo e da discriminação racial: as experiências africanas e a Unilab no Ceará*, destaca o racismo e a discriminação racial sofridos pelos estudantes africanos nas cidades de Acarape e Redenção, assim como na Unilab e realiza uma breve discussão sobre as ações tomadas pela Universidade frente as violências sofridas por estes estudantes. O artigo em questão foi produzido a partir de pesquisas realizadas anteriormente acerca das experiências dos estudantes internacionais, advindos dos países PALOPs⁶ na Unilab (CE) e nos espaços das cidades onde se localiza a universidade, parte dos estudantes entrevistados afirmaram vivenciar constantemente casos de racismo e discriminação racial, pontuavam que o fato da Unilab não conseguir construir ações práticas no âmbito da Universidade e da comunidade local agravava as violências por eles sofridas em território brasileiro.

A situação dos alunos internacionais africanos na Unilab, se torna um exemplo concreto das violências sofridas pelos estudantes no ambiente da Universidade. Além deles, a permanência dos estudantes indígenas, quilombolas e de baixa renda, é constantemente ameaçada pelos cortes orçamentários cada vez mais presentes, o fim das bolsas permanências para os estudantes indígenas e quilombolas é também o fim da presença destes na universidade, assim como o corte dos auxílios dos estudantes de baixa renda significa a evasão e abandono de cursos. Neste sentido, podemos afirmar que existe um jogo de interesses sobre a Unilab, especialmente em relação a classe social, a identidade racial e de gênero destes estudantes que conseguirão se formar, sem o auxílio financeiro da universidade através das políticas de assistência estudantil.

⁵ A partir da obra *Epistemologias do Sul* (SANTOS, 2010), pode-se afirmar que a decolonialidade é um projeto epistemológico e político que visa desafiar a supremacia do conhecimento ocidental moderno, reconhecendo e valorizando os saberes produzidos por povos historicamente oprimidos, como indígenas, africanos e camponeses, em busca de uma justiça social e de uma pluralidade de mundos possíveis.

⁶ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

Neste aspecto, o conceito de interseccionalidade, compreendido como “[...] uma forma de captar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre duas ou mais formas de subordinação.” (CRENSHAW, 2002, p. 117), se faz relevante para a análise identitária dos sujeitos acerca do acesso e permanência no ambiente universitário na Unilab. Pois, de acordo com Crenshaw (2002), a medida em que a interseccionalidade permite revelar as invisibilidades geradas por abordagens únicas e universais dos direitos e da justiça social, contribui para análises mais abrangentes das dinâmicas de poder e exclusão presentes nas estruturas sociais. Partindo da ideia de interseccionalidade de Crenshaw, posso compreender melhor a maneira que múltiplos marcadores sociais (raça, gênero e classe) atravessaram minhas experiências e vivências no ensino superior na Unilab.

É justamente em razão da travessia no ambiente acadêmico ser tão desafiador e hostil para nós mulheres negras, assim como hooks (2013) relata em *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* e Kilomba (2019) discute no texto *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, que o acesso e a permanência dessas mulheres no ensino superior, se faz tão necessária. Afinal, como hooks (2013) sugere em *Ensinando a transgredir*, é através da prática educacional e de nossa produção científica e intelectual que podemos caminhar em uma perspectiva de subverter a lógica racista, sexista e classista, que tira de nós, mulheres negras, as oportunidades para a construção de conhecimento, a partir de nossas subjetividades.

Para Kilomba (2019) a presença de mulheres negras no ensino superior desafia estruturas históricas de exclusão e silenciamento, pois embora essas mulheres carregem consigo uma espécie de memória coletiva marcada pela colonização e pelo racismo, o que torna o espaço acadêmico um território hostil. Elas não apenas enfrentam barreiras institucionais, mas também o questionamento constante - dos outros e de si mesmas - de sua relevância e legitimidade naquele espaço. Ao narrar suas experiências, Kilomba (2019) evidencia como o saber eurocêntrico tenta deslegitimar outras formas de conhecimento, especialmente aqueles oriundos da vivência negra e feminina. Assim, a presença de mulheres negras nas universidades é um ato político de resistência, que confronta as estruturas de poder e afirma novas formas de epistemologias.

2.3 Lugar seguro: As redes de apoio e os afroafetos como estratégias de permanência na Universidade

O conceito de *lugar seguro* (*safe space*) segundo Patricia Hill Collins⁷ (2019) em *O pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* refere-se a espaços sociais e simbólicos onde pessoas pertencentes a grupos marginalizados, especificamente mulheres negras, podem refletir, se expressar, resistir e construir conhecimento fora das estruturas opressoras da sociedade dominante. Para a autora, os lugares seguros são zonas de resistência frente ao racismo, sexismo, classismo e outras formas de opressão. Por tanto, não são neutros nem passivos, pois servem como pontos de enfrentamento e resiliência às lógicas opressoras.

A partir da lógica de lugar seguro de Hill Collins (2019) que - antes mesmo de conhecer o conceito- pude através das redes de apoio e dos afetos que construí durante minha passagem pela Unilab, tecer caminhos de resistência e rotas estratégicas para concluir minhas duas graduações. Sou imensamente grata ao Mailton que juntamente com o Michel, Matheus e Leonardo primeiro me acolheram em sua república em Redenção, especialmente ao Mailton que foi um grande amigo e me incentivou a escolher a Unilab. Agradeço a Laura e a Lara (e também a Clara⁸) que foram minhas primeiras amigas e me acolheram como parte da família, que me aconselharam, me ajudaram e estiveram presentes em tantos momentos decisivos de minha vida durante o início do curso BIH.

Além das redes de apoio que construí com os professores e professoras da Universidade, sou muito grata à Professora Dra. Jacqueline Costa, uma mulher preta que sempre foi referência potente e admirável para mim. Sou grata por todos os ensinamentos repassados dentro e fora da sala de aula, de saber que seu apoio e orientação durante a produção deste trabalho foi essencial, pelas palavras de encorajamento, por ter respeitado meu processo sem jamais desacreditar do meu potencial, até mesmo quando eu já não acreditava. A professora Dra. Joana Rower que tanto contribuiu com minha formação enquanto docente, coordenadora do curso de sociologia e coordenadora do Programa de Residência Pedagógica - PRP

⁷ Uma das principais intelectuais do feminismo negro

⁸ Que embora não estivesse presente em Redenção, é uma amiga muito especial que através da Unilab tive o prazer de conhecer.

2022/2023, durante o período em que fui bolsista. A professora Dra. Janaína Lobo, que sempre foi muito humana e sensível, além de uma referência no fazer docente.

Minha gratidão ao Professor Dr. Arilson Gomes, que foi meu orientador durante 03 anos através do Programa de Iniciação Científica - PIBIC, também meu orientador na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do curso BIH. Costumo afirmar que o professor Arilson, foi o primeiro docente que viu potencial em mim e desde meu primeiro semestre na Universidade tive a oportunidade de ser selecionada para trabalhar com pesquisa de iniciação científica, junto com ele e com o colega de curso Sabino, dois intelectuais negros que tive o imenso prazer de construir conhecimento junto com eles. Ao professor Dr. Marcos Silva, minha admiração, respeito e gratidão, por todas as vezes que foi solicitado, que me aconselhou e se mostrou disponível para contribuir com meu processo formativo. Aos docentes dos cursos de BIH e Sociologia; a professora Dra. Vera Rodrigues, Dra. Joanice Conceição, Dra. Carolina Bernardo, Dra. Giselle Gallicchio, Dra. Francisca Rosalia, Dra. Daniele Ellery, ao professor Dr. Sebastião Alves, Dr. Patrício Carneiro, Dr. Lucas Thomaz e Dr. Igor Monteiro, dentre tantos outros que muito contribuíram com minha formação.

Esses profissionais foram fundamentais para meu processo de aprendizagem dentro da Universidade, que de alguma forma tornaram o ambiente universitário um lugar seguro propício para o compartilhamento de saberes. Para Collins (2019), a experiência vivida é uma fonte legítima de conhecimento, e os lugares seguros permitem que esses saberes sejam compartilhados e validados dentro da comunidade. E durante minha trajetória na Unilab consegui firmar relações que foram meus lugares seguros durante minha formação.

Minha gratidão aos laços de apoio mútuo e empatia que construí com colegas que conheci a partir do curso de Sociologia: Lucas Eduardo, Ezequiel Nunes, Rayla Souza e Rodrigo Peixoto, que se tornaram amigos próximos e pessoas pelas quais tenho carinho, apreço e admiração. Também sou grata pelo apoio, o cuidado dos amigos que conheci através da Unilab, a Gabrielle, ao Aldemir e a Yara, meus amigos que residiam comigo no meu último ano morando em Redenção. A Larissa, ao Enzo Raphael, ao Luan e a Kayles. Especialmente a Kayles que embora nossos caminhos só tenham se cruzado em 2022, sou imensamente grata por sua

existência e por ter se tornado uma amiga irmã, me faltam palavras para descrever o quanto a amizade e o amor dessa mulher preta me salvou e ainda me salva.

A sua amizade, assim como a amizade de Ezequiel (Z), de Luan e Lucas Eduardo foram meus *afroafetos*, conceito este que tive contato através do trabalho de meu amigo Ezequiel Lima (2020), intitulado *Jornalistas pretas e pretos: (re) construir lugares seguros para o fortalecimento de redes de apoio, redes de resistência e redes de afroafetos*. De acordo com a abordagem de Lima (2020), as redes de afroafetos podem ser compreendidas através dos afetos e das relações estabelecidas entre pessoas não brancas, uma forma de tornar estes afetos em formas de resistência, também nos lembra da importância do cuidado coletivo, da escuta, da construção das redes de apoio e da valorização de nossa ancestralidade. Isso inclui tanto o afeto romântico quanto os vínculos familiares, de amizades, comunitários e espirituais. Neste sentido, destaco que os afroafetos que estabeleci que me possibilitaram um lugar seguro na universidade, que foram primordiais para minha permanência na mesma, são laços afetivos e redes de apoio que pretendo levar para a vida inteira

2.4 A experiência da Residência Pedagógica: A docência tomando forma

Durante os anos de 2022 a 2024, participei enquanto bolsista do Programa de Residência Pedagógica - PRP, no qual iniciei minhas primeiras experiências como docente. O Programa de Residência Pedagógica desenvolvido pela CAPES, consolidou-se ao longo dos anos como uma importante política pública voltada ao fortalecimento da formação docente inicial, promovendo principalmente a imersão de estudantes licenciandos em escolas públicas da educação básica.

A proposta principal do programa visava articular teoria e prática por meio de vivências e experiências supervisionadas, na qual estudantes a partir do quinto período de licenciatura atuavam como residentes sob a orientação de docentes da universidade e professores preceptores das escolas básicas. Enquanto residente do programa, fui orientada pela professora Dra. Joana Rower⁹ e tive como professores

⁹ Atualmente, coordenadora do curso de Licenciatura em Sociologia e professora efetiva do Instituto de Humanidades da Unilab - Ce.

preceptores, a princípio professor Erlan Tavares na E.E.M.T.I Padre Saraíva Leão, em Redenção (CE) e posteriormente o professor Fernando Antônio no Liceu de Baturité Domingos Sávio, na cidade de Baturité (CE).

As atividades realizadas compreendiam encontros com formações teóricas, reuniões internas, observação (do ambiente escolar e da sala de aula), planejamentos, intervenções pedagógicas (em grupo e individuais) e a produção de portfólios reflexivos, sobre a atuação dos licenciandos no programa, possibilitando assim, o desenvolvimento de competências profissionais e aprimoramento durante o processo formativo. Além disso, o programa disponibilizou a concessão de bolsas financiadas pela CAPES, durante toda a duração do programa, a fim de garantir incentivo e permanência dos estudantes no Programa de Residência Pedagógica e nas Universidades.

A realização do Programa de Residência Pedagógica após o ano de 2021, foi marcado principalmente pela retomada das atividades presenciais nas escolas, pois este foi o período posterior ao momento crítico da pandemia de COVID-19 que vivemos durante os anos de 2020 e 2021. Neste sentido, os trabalhos realizados no âmbito da Unilab, pelos bolsistas do curso de Sociologia foram intensificados em relação às ações nas escolas, o que avalio como algo positivo, pois pôde promover experiências mais completas e contextualizadas para os estudantes residentes. Para a realização das atividades nas escolas, os estudantes participantes do programa eram direcionados por grupos, orientados pela professora coordenadora do Programa Dra. Joana Rower e pelos professores preceptores das escolas.

O grupo no qual fiz parte foi composto por 05 alunos: Iago, José Valdo, Leonildo, Rodrigo e Talia. Durante o período de setembro à dezembro de 2022 realizamos nossas atividades na escola E.E.M.T.I Padre Saraíva Leão, em Redenção (CE) e contamos com a orientação do Professor Erlan, porém devido a necessidade de o mesmo ir assumir outra função na secretaria de educação do município, não pôde permanecer enquanto professor preceptor do programa, então fomos realocados para a escola Liceu Domingos Sávio de Baturité (CE), a partir deste momento até o fim das atividades do Programas contamos com as orientações do professor Fernando Antonio.

Pretendo aqui discorrer brevemente sobre minha experiência enquanto bolsista do programa, da atuação e realização das atividades realizadas nas escolas e no âmbito da universidade, assim como a relevância do programa para meu processo formativo e profissional. Primeiro gostaria de agradecer à professora coordenadora do Programa, Dra. Joana que nos orientou tão bem assim como sempre esteve presente para nos auxiliar o que possibilitou um melhor desempenho dos estudantes na realização das atividades, aos professores Erlan Tavares e Fernando Antonio, que nos recebeu e nos orientou bem nas escolas, assim como os gestores, colaboradores e corpo discente das escolas. Ressalto que sem o devido apoio destes, provavelmente nossas experiências não teriam sido tão positivas.

Na escola Padre Saraiva Leão, na qual realizamos nossas atividades durante o período de setembro a dezembro de 2022, tratava-se de uma escola de tempo integral, com a maioria dos discentes advindos das zonas rurais próximas ao centro urbano da cidade de Redenção, localidades denominadas pelos próprios conterrâneos de "Serras". Os jovens em sua maioria, eram filhos e filhas de agricultores da região. Como a atuação na escola foi breve, não tivemos muito contato com os alunos, porém realizamos observações dos espaços escolar e da sala de aula, participamos dos encontros de planejamentos, assim como realizamos atividades coletivas de intervenção junto aos alunos de primeiro ano e sob orientação do professor Erlan Tavares.

Durante o período de dezembro de 2022 a março de 2024 realizamos as atividades do Programa de Residência Pedagógica na escola Liceu Domingos Sávio localizada, em Baturité (CE). A escola em questão tratava-se de uma escola de tempo regular, com turmas numerosas, tanto no turno da manhã quanto à tarde, porém, as atividades foram realizadas apenas no período matutino, em razão principalmente do deslocamento em razão da distância entre os municípios de Redenção e Baturité. Ao que se refere às características dos estudantes da escola em questão, em sua maioria eram da zona urbana da cidade de Baturité, o que diferenciava por exemplo, dos alunos da escola Padre Saraiva Leão.

As escolas em si, apresentavam diferenças nas estruturas físicas assim como nas organizações internas e dinâmicas sociais estabelecidas. O corpo discente também tinha suas diferenças, enquanto os alunos da escola Padre Saraiva Leão eram mais tímidos e menos participativos nas aulas, já os alunos do Liceu de

Baturité se mostravam mais extrovertidos, comunicativos e até mais envolvidos nas atividades propostas. Embora a grande maioria dos estudantes não demonstrassem tanto interesse nas aulas de sociologia, no dia a dia, mas nas intervenções realizadas pelas residentes, os mesmos se envolviam mais, talvez pela “novidade” de ter outros sujeitos além do professor da disciplina.

Em relação aos conteúdos trabalhados com os estudantes em questão, seguimos as orientações dos professores preceptores buscando sempre seguir o cronograma de acordo com o calendário letivo e seguindo a grade comum curricular. No período em que fui bolsista do PRP, algumas alterações relacionadas ao projeto do novo ensino médio estavam acontecendo nas escolas, como por exemplo, a diminuição da carga horária das disciplinas de ciências humanas, além da utilização de recursos didáticos, como os livros, com conteúdo de ciências humanas condensado, ou tratados de forma superficial, sem tanto aprofundamento ou criticidade. Tal realidade, tornava o trabalho do professor muito mais exaustivo e desgastante, pois as aulas eram cada vez mais reduzidas, o material de suporte disponibilizado pelo MEC¹⁰ pouco utilizado por não trabalhar os conteúdos com a devida atenção necessária, o que prejudicava o processo de aprendizagem dos estudantes.

Estes aspectos, tornavam o fazer docente muito mais desafiador, afinal, estamos falando de um período pós-pandemia global no qual os alunos estavam se acostumando novamente com o ambiente da sala de aula como um espaço físico e não virtual. Onde as realidades diversas se encontravam em salas de aulas numerosas, com alunos e professores adoecidos mentalmente devido aos efeitos nefastos do período hostil da pandemia de COVID-19. Em um momento em que as políticas em relação ao uso dos celulares nas salas de aulas não eram tão rigorosas como nos dias atuais (2025), e o docente precisavam competir com o super estímulo das telas pela atenção dos alunos, que se encontravam mais dispersos e desinteressados pelo processo dos estudos em si.

Diante de tal realidade, buscamos trabalhar nas salas de aulas, durante as intervenções pedagógicas metodologias de ensino e práticas pedagógicas que de alguma forma trouxesse além de atenção dos estudantes também o interesse e o

¹⁰ Ministério da Educação.

empenho dos mesmos nos momentos de realização das atividades. Neste sentido, encontros formativos sobre práticas pedagógicas, realizados pelo programa foram essenciais, pois a utilização de metodologias participativas em sala de aula (rodas de conversa), assim como a utilização de recursos imagéticos (histórias em quadrinhos) nas aulas possibilitaram um maior interesse e empenho dos estudantes durante as atividades.

Temas voltados também para a formação cidadã foram trabalhados nas escolas. Como o combate às discriminações, opressões e formas diversas de violências, assuntos voltados a compreensão e ao respeito à diversidade e as diferenças humanas também foram constantemente debatidos, com o objetivo de construir junto aos estudantes caminhos possíveis para o fortalecimento dos processos de aprendizagem dos mesmos, possibilitando para além da formação profissional, a preparação humana, emocional e individual de cidadãos mais dispostos a construir uma sociedade mais respeitosa, igualitária, com menos abismos, discriminações e diferenças sociais.

Diante das experiências vivenciadas através do PRP, observou-se, nesse contexto, um fortalecimento da integração entre a universidade e as redes de ensino básico, bem como a valorização da formação continuada dos preceptores. Houve também uma ampliação das discussões sobre diversidade, inclusão e equidade, incorporadas às práticas formativas do programa. Assim, o PRP contribuiu não apenas para a qualificação dos futuros professores, mas também para o aprimoramento das práticas pedagógicas nas instituições escolares participantes, evidenciando seu papel estratégico na elevação da qualidade da educação pública na região do maciço de Baturité.

Em minha análise, o Programa de Residência Pedagógica - PRP representa uma estratégia fundamental para o fortalecimento da formação profissional e atuação docente. Ao proporcionar vivências práticas e articuladas com os fundamentos teóricos dos cursos de licenciatura, sua relevância reside na possibilidade da imersão dos licenciandos no cotidiano das escolas públicas, permitindo a construção de saberes docentes em contextos reais de ensino e aprendizagem. Essa inserção qualificada contribui para o desenvolvimento de competências pedagógicas, reflexivas e investigativas que se tornam essenciais à atuação crítica e transformadora na atuação docente.

Além disso, em minha experiência, o PRP promoveu o diálogo entre universidade e escola, o que foi muito positivo para minha formação docente. Pois esta aproximação durante minha formação inicial, possibilitou uma melhor compreensão das demandas concretas da realidade da educação básica, o que favoreceu uma preparação mais contextualizada e comprometida com a qualidade do ensino público. Assim, quando iniciei minha atuação enquanto docente, embora muitas nuances se apresentassem enquanto novidade, em relação a alguns aspectos eu já tinha um conhecimento prévio, devido às vivências do PRP.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final de 2023, quando passei a residir em Fortaleza minha trajetória tomou novos rumos, ao passo em que me afastava da rotina de estudos e do dia a dia na Universidade, me aproximava do mercado de trabalho e isso foi alterando meu foco e dedicação em relação a finalização deste ciclo da graduação, por diversas vezes pensei em desistir, abandonar o curso, continuar trabalhando em outras áreas que não tinham a ver com a formação docente, mas por outro lado lembrava de todos os desafios que já havia enfrentado até chegar naquele ponto de faltar apenas um trabalho para concluir o curso. Justamente este artigo em questão.

O processo de produção destes relatos não foi fácil, por diversas vezes eu tentei fugir e escrever sobre qualquer outro assunto, mas parecia que nada despertava em mim o interesse de fato construir algo sólido e com sentido para mim, então em uma conversa com minha orientadora, decidi dar uma chance de tentar produzir algo a partir da concepção de Conceição Evaristo sobre escrevivências e embora a princípio tenha se apresentado, como uma escrita desafiadora, afinal, não é fácil trazer nossas à tona nossas experiências, especificamente aquelas que já causaram e causam dores. Porém revisei e fui me envolvendo nos escritos de autoras como bell hooks, Grada Kilomba, Kimberle Crenshaw para então me encontrar neste artigo. Neste sentido, concordo com a afirmação da professora Dra. Jacqueline, quando estes escritos finalmente começaram a ganhar forma e a mesma me falou que este trabalho sempre esteve pronto aqui dentro de mim, só precisava encontrar formas para sair.

E foi através da escrita, da potência das escrevivências que pude perceber o quanto se fazia relevante o registro das minhas experiências e vivências para a produção de uma epistemologia subjetiva, plural e viva. E aqui ressalto a relevância das produções de amigos e colegas que através de suas subjetividades trouxeram relevantes contribuições para a construção de conhecimentos plurais, como o artigo de Joseli Cordeiro (2023) cujo título; *Pode uma quilombola falar?* nos traz uma provocação ao passo em que desperta também uma relevante reflexão acerca do silenciamento sistêmico dos povos de comunidades tradicionais.

O ambiente acadêmico, enquanto um local de poder reforça esta lógica, de exclusão, violência e silenciamento dos indivíduos socialmente marginalizados, assim quando Cordeiro (2023) pontua a ausência de quilombolas e indígenas nas Universidades se dar muito mais pela falta de oportunidades de acesso do que pela falta capacidade destes em ocuparem a universidade.

É de suma relevância também sua reflexão acerca dos desafios enfrentados por estes povos para a permanência no ensino superior, tendo que se deslocar de seus territórios, se afastando fisicamente de suas redes de afeto para se adequarem a uma lógica de ensino branca e eurocêntrica. Produções acadêmicas como de Joseli Cordeiro (2023) são potentes e uma forma de resistência frente a uma lógica educacional cada vez mais eurocêntrica.

Assim como Joseli e como tantos outros colegas racializados, indígenas, quilombolas e socialmente marginalizados, enfrentei muitos no percurso acadêmico, principalmente relacionados ao racismo estrutural, a sensação de deslocamento e de não pertencimento de determinado espaço. E o espaço acadêmico quando se torna para nós um local de adoecimento retira de nós principalmente a capacidade de acreditarmos em nosso próprio potencial e eu pude viver isso todas as vezes que me questioneei se aquele era de fato um espaço para mim.

Porém mesmo diante dos desafios e percalços atravessados neste caminho, penso que a educação sempre despertou em mim um chamado, eu sempre fui uma pessoa que acredita no poder transformador da educação e de como esta pode ser uma importante aliada ferramenta para alteração do status quo, afinal, eu sou fruto da educação, a pessoa que eu sou hoje foi e é constantemente atravessada pelos processos educacionais, o que não significa por tanto que eu não tenha críticas a

fazer ao atual modelo educacional no qual estamos submetidos em nosso país, pois é justamente por ser uma defensora da educação que acredito que temos ainda muito o que melhorar neste quesito, enquanto sociedade.

No final de 2024, num período em que já estava quase desistindo de concluir a licenciatura em Sociologia foi lançado o edital de seleção para professores temporários da rede do estado, me inscrevi sem muita esperança pois este seria o primeiro concurso que estava prestando em minha vida, porém participei do processo seletivo mais com o intuito de compreendê-lo. Porém quando saiu o resultado no início de 2025 vi que havia sido aprovada e que muito provavelmente conseguiria ser chamada em alguma escola, e assim aconteceu, em fevereiro de 2025 fui contratada enquanto professora temporária de sociologia em uma escola da rede estadual de ensino.

É a luz do conceito de escritivências que este artigo se constrói, e assim como Conceição Evaristo (2011) conceitua o termo como a escrita de si, nestes escritos busco traçar um pouco das minhas experiências e vivências enquanto uma mulher negra graduada e estudante da Unilab. Relato brevemente minha trajetória universitária enquanto mulher, preta, estudante e docente, a fim de que através destes escritos se fortaleça um debate acerca da condição dos discentes do curso de Sociologia na Unilab. Que possamos compreender que o fazer sociológico passa também pelas subjetividades de nossas identidades e que nossas experiências e vivências também constituem maneiras de construir epistemologias contra hegemônicas.

REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. Educação no Brasil: a História das rupturas. **Pedagogia em Foco**, Rio de Janeiro, 2001.

COLLINS, Patricia Hills. O pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento (A. L. S. Cardoso, Trad.). São Paulo: **Boitempo**, 2019.

CORDEIRO, Joseli. **Pode uma quilombola falar?** Revista Periódicus, Salvador, v. 1, n. 8, p. 225-243, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/24689>.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Secretaria de Políticas

para as Mulheres, 2012. p. 23–44. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Itaú Cultural, São Paulo, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed.: **Paz e Terra**. São Paulo, 1996.

GOMES, Arilson dos Santos. **Do pioneirismo da abolição ao enfrentamento do racismo e da discriminação racial: as experiências africanas e a Unilab no Ceará**. Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História, Culturas e Espacialidades – MAHCE, Fortaleza, v. 9, n. 17, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/view/7564/8291>

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013. Disponível em: https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2017/10/hooks_2013_ensinando-a-transgredir_book.pdf

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. **Cobogó**. Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Ezequiel de Nunes. **Jornalistas pretas e pretos: (re) construir lugares seguros para o fortalecimento de redes de apoio, redes de resistência e redes de afroafetos**. 2020. Monografia (Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2815/1/TCC%20EZEQUIEL%20NUNES%20DE%20LIMA.pdf>

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. **Cortez**. São Paulo, 2010.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. **Edições Graal**. Rio de Janeiro, 1983. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>

UNILAB. **Projeto Pedagógico Institucional (PPI)**. Redenção: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2014. Disponível em: <https://unilab.edu.br>.